

Editorial

O pessimismo reina nos dias de hoje. Sobretudo por causa da atual conjuntura política, com a ascensão dos setores conservadores e sua agenda ultraliberal, fortalece-se o mito do fim da história. “Precisamos nos conformar de que não há saída”: há muito escutamos essa ladainha, porém a novidade é que cada vez mais essas palavras são ditas por quem está do nosso lado. Esse pensamento interfere diretamente nos projetos políticos e, por isso, cada vez mais a esquerda se apequena, se contenta com pouco. Não trabalha mais com a ideia de uma outra sociedade, mas sim com as “conquistas possíveis”, restrita à lógica do “menos pior”. Assim os sonhos cabem cada vez mais nas urnas e “revolução” passa a ser uma palavra ultrapassada.

Essa perspectiva “ajustada à realidade” foi um dos fatores que contribuíram para que a semente do fascismo germinasse calmamente nos mais diversos grupos sociais. Desarmou a crítica radical das ruas pela via brutal da repressão, como em junho de 2013 ou durante as manifestações contra a realização da Copa do Mundo em 2014. Desarticulando as organizações sindicais e estudantis pela via da cooptação ou, ainda, pelo silenciamento da pauta dos companheiros de luta por meio da desqualificação e de sua delação pura e simples para as forças policiais, como

nas lutas contra o ajuste fiscal em 2015 e em 2016. A atualização do repertório de práticas leninistas e stalinistas ao seu dispor, abriu caminho à proliferação da intolerância e da falta de imaginação política, tão próprias às pulsões pela ordem do autoritarismo de todos os tons. Com isso, a perspectiva do “ajuste à realidade” foi quem tomou um banho de realidade. Isolada das forças sociais que nutrem a revolta e gestam ideias de um mundo novo, capitulou vergonhosa e previsivelmente frente aos barões patrimonialistas, rentistas e midiáticos, que em sua arrogância vanguardista julgava ter metido no bolso.

Mas a história tem gosto pela ironia. É justamente em meio a esse contexto no qual a esquerda se encontra que completam-se 80 anos da Revolução Espanhola, um dos processos mais profundos de transformação social do século XX, e também 10 anos da Comunidade de Oaxaca. Essas lembranças vem para nos chacoalhar e nos tirar do conformismo e do desânimo que a terra arrasada do esquerdismo parlamentar nos levou. Retomamos o passado não para contemplá-lo, mas sim para enxergar a continuidade que liga as lutas passadas

às nossas. Tomamos essas lembranças e percebemos que é somente através da mobilização popular que podemos construir uma nova sociedade. Para isso, é necessário recolocar a ideia de revolução no horizonte.

Com essa perspectiva, apresentamos a nova edição da Revista da Biblioteca Terra Livre, que traz um dossiê especial a respeito da Revolução Espanhola. Tentamos recobrir criticamente vários aspectos dessa experiência histórica, agrupando artigos escritos no calor do momento e artigos de análise posteriores. Assim, a *Carta aberta a companheira Federica Montseny*, de Camillo Berneri, que veio à luz no periódico *Guerra di Classe*, e o artigo *Mais vale um anarquista do que um capitão!*, de Ramon Casals, publicado no *Solidaridad Obrera*, ambos de 1937, cumprem o primeiro papel. O segundo papel foi reservado aos artigos de Augustin Souchy (*A coletivização na Espanha*), de Frank Mintz (*O problema do dinheiro durante a autogestão espanhola 1936-1939*) e de Laura Vicente (*80º Aniversário da Revolução: Mujeres Libres*). Os dois artigos escritos no momento da Revolução mantêm uma

perspectiva crítica de personagens envolvidos profundamente na trama dos fatos: Camillo Berneri condena o colaboracionismo da CNT com o governo republicano, três semanas antes de ser covardemente assassinado por membros do Partido Comunista da Espanha, ao passo que Ramon Casals opõe-se ferozmente à militarização das colunas dos milicianos, enxergando nelas o perigo da reintrodução das hierarquias nos exércitos populares. Já o artigo de Souchy analisa de maneira perspicaz o processo de coletivização em diversos ramos do comércio e da indústria, enquanto Mintz aborda as várias soluções originais dos revolucionários espanhóis para lidar com o problema do dinheiro de maneira a garantir a efetiva autogestão econômica - e as dificuldades delas decorrentes. Finalmente, o artigo de Laura Vicente situa a singularidade e exemplaridade da luta das *Mujeres Libres* no contexto da Guerra Civil Espanhola.

Além desse dossiê, a Revista manteve algumas de suas tradicionais seções. A seção *Estudos Anarquistas* apresenta uma tradução inédita de um texto Eduardo Colombo, *O anarquismo ante a cri-*

se de ideologias. O autor nos brinda com uma reflexão a respeito da necessidade de blasfemar contra a ordem estabelecida, operação ao mesmo tempo de dessacralização da hierarquia e do poder político, um duplo movimento de rebelião contra as instituições que temos diante de nós e daquelas que trazemos interiorizadas em nós. Blasfêmia e rebelião que são também do domínio da criação, o que coloca o anarquismo diante da necessidade de estabelecer instituições anárquicas na sociedade, buscando a sua autonomia. A seção *Documentos* vem recheada: além da continuação da tradução da defesa da Revolução Mexicana por Ricardo Flores Magón, nas páginas do periódico *Regeneración*, conta com a proposta de Antonio Canellas para a fundação, no Brasil de 1919, de uma escola que seguisse o modelo da *La Ruche* (ou *A Colmeia*) francesa, experiência pioneira de educação libertária de Sébastien Faure, que teve vigência nos primeiros anos do século XX na cidade de Rambouillet. Também trazemos aos leitores um texto inédito de Maria Lacerda de Moura: um prefácio para o livro de poesias de Ilka Maia, escrito em 1923. Então uma garota de 16 anos,

Ilka também havia dedicado um soneto em homenagem a Maria Lacerda de Moura, nas páginas de Alvoradas, que encontra-se aqui também republicado, para acompanhar o prefácio de Maria Lacerda de Moura. Finalmente, a seção *Expressões livres* conta com uma tradução inédita em português de um conto de Rafael Barret, anarquista espanhol que viveu na Argentina e no Uruguai, a respeito do carnaval.

A reunião desses artigos e do dossiê a respeito da Revolução Espanhola procuram pôr em discussão as possibilidades de práticas efetivas de rebe-

lião e de autogestão, desde abaixo e à esquerda, que insinuam-se contra o fascismo, contra o conforto representativo, o pessimismo e os ajustes - reais e nem tão reais assim. Essas palavras, de companheiros de antes e de agora, daqui e de outros lugares, permanecem como um manancial irredutível e inspirador de novas formas de produção do mundo novo que trazemos em nossos corações, para parafrasear Buenaventura Durruti.

Biblioteca Terra Livre,
dezembro de 2016.